

Da Agarrada à Luta Marajoara: transição de uma Arte Marcial Vernacular a um Esporte de Combate

*De la Agarrada à la Luta Marajoara: transition d'un
Art Martial Vernaculaire à un Sport de Combat*

*From Agarrada to Luta Marajoara: transition from
a Vernacular Martial Art to a Combat Sport*

Leonardo Fernandes Coelho

Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)

leonardof.coelho@usp.br

Cristiano Roque Antunes Barreira

Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)

crisroba@usp.br

Resumo: A Luta Marajoara é originária do arquipélago de Marajó. Trata-se de uma tradicional luta de agarre e projeção, típica desta localidade do estado do Pará, norte do Brasil. A modalidade passa por um processo de expansão por meio de competições e torneios. O objetivo desta pesquisa é compreender elementos e vivências próprios ao processo de institucionalização na Luta Marajoara por meio de uma investigação empírico-fenomenológica. É um estudo exploratório, qualitativo, ancorado em entrevistas e apoiado em procedimentos etnográficos para produzir uma compreensão ampla dos contextos culturais da Luta Marajoara, assim como da sua objetividade prática e técnica. Os resultados estão divididos em seis partes: Agarrada Vernacular; Luta Marajoara e sua institucionalização e Luta Marajoara versus agarrada.

Palavras-chave: Luta Marajoara. Agarrada. Arte Marcial Vernacular. Esporte de Combate. Fenomenologia.

Abstract: Luta Marajoara originated in the Marajó archipelago. It is a traditional grappling and throwing style of wrestling, typical of this region in the state of Pará, northern Brazil. The sport is undergoing a process of expansion through competitions and tournaments. The objective of this research is to understand elements and experiences specific to the process of institutionalization in Luta Marajoara through an empirical–phenomenological investigation. It is an exploratory, qualitative study, anchored in interviews and supported by ethnographic procedures to produce a broad understanding of the cultural contexts of Luta Marajoara, as well as its practical and technical objectivity. The results are divided into six parts: Vernacular Grappling; Luta Marajoara and its institutionalization; and Luta Marajoara versus Grappling.

Keywords: Luta Marajoara. Grappling. Vernacular Martial Art. Combat Sport. Phenomenology.

Resumén: Luta Marajoara es originaria del archipiélago de Marajó. Se trata de una lucha tradicional de agarre y proyección, típica de esta localidad del estado de Pará, norte de Brasil. El deporte está viviendo un proceso de expansión a través de competiciones y torneos. El objetivo de esta investigación es comprender elementos y experiencias específicas del proceso de institucionalización en Luta Marajoara a través de una investigación empírico–fenomenológica. Se trata de un estudio exploratorio, cualitativo, anclado en entrevistas y apoyado en procedimientos etnográficos para producir una comprensión amplia de los contextos culturales de Luta Marajoara, así como su objetividad práctica y técnica. Los resultados se dividen en seis partes: Vernacular Grab; Lucha Marajoara y su institucionalización y Lucha Marajoara versus Agarrada.

Palabras clave: Pelea Marajoara. Pegajoso. Arte marcial vernáculo. Deporte de combate. Fenomenología.

Introdução

A Luta Marajoara (LM) é originária do Arquipélago do Marajó, onde se situa a maior ilha fluviomarítima do mundo, localizada no Estado do Pará. Segundo censo de 2022 do IBGE, a ilha possui uma área de 49 mil km², com uma população de 593 mil habitantes. Segundo Santos e Freitas (2018), é no contexto de trabalho árduo do campo, restrito aos serviços de vaqueiros no cuidado de gado e búfalos, que a população ali presente compartilha suas experiências, crenças e tradições. Decorrente desse contexto, pela criação de elementos socioculturais em um entrecruzamento de saberes e experiências em terras marajoaras, foram se constituindo práticas corporais, ao longo da história, sendo a Luta Marajoara um resultado dessa troca.

A Luta Marajoara é considerada uma tradição cultural de grande importância na região e também está fortemente ligada com o contexto religioso, por exemplo, nas manifestações culturais presentes na festa do Glorioso São Sebastião. O IPHAN¹ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconheceu a luta como um elemento cultural tradicional imaterial ligado à festa do Glorioso São Sebastião. A celebração religiosa possui diferentes manifestações culturais, como corrida de cavalos, bingo, arraial e a Luta Marajoara.

O município de Cachoeira do Arari², concentra grande parte dos usos e costumes típicos da região; dentre os eventos, o maior é a Festa de São Sebastião. A data de origem da Festa do Glorioso em Cachoeira é desconhecida, porém, estima-se que possua mais de cem anos. O festejo acontece entre 10 e 20 de janeiro, contudo, a preparação da festa começa seis meses antes. Um dos símbolos mais importantes da comemoração são os Mastros.

No dia 15 de novembro os padrinhos do Mastro (aqueles que conseguem pegar a bandeira do topo do mastro no ano anterior) retiram da mata as árvores que serão utilizadas para a confecção dos novos Mastros.

¹ BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Dossiê do Levantamento Preliminar das Manifestações Culturais da Ilha do Marajó - INRC Marajó. Belém: IPHAN, 2007.

²Cidade na qual foi realizada a pesquisa, juntamente com Ponta de Pedras e Soure.

São sempre três: o dos homens, das mulheres e das crianças. É realizado um percurso de festejo, do local que fica “secando” os mastros até onde eles serão fincados no chão e erguidos. Durante esse caminho ocorrem muitas celebrações, músicas e desafios de Luta Marajoara, que são realizados na calçada, no barro, na grama ou em qualquer lugar durante o percurso. O vaqueiro marajoara é figura importante na região e representa parte da cultura da Ilha de Marajó, principalmente em relação à prática da Luta Marajoara durante o festejo. (Alberto & Oliveira, 2009).

Arte Marcial e Esporte de Combate

Em meio a controvérsias terminológico conceituais, é aceitável afirmar que a literatura admite três diferentes expressões marciais principais: o Esporte de Combate, Artes Marciais e Artes Marciais Vernaculares (AMV). Na teoria e na prática, assinalam Martíková e Parry (2015), não existe um consenso terminológico, sobre o que é realmente Arte Marcial ou Esporte de Combate. Um exemplo é a Luta Greco-romana, em que há praticantes que a designam como um Esporte de Combate e outros como uma Arte Marcial (Coelho & Barreira, 2020).

Desconstruindo as várias teses que participam dessa terminologia, como as ideias de luta real e luta simbólica, presentes em trabalhos como os de Figueiredo (2009) e de Sánchez García e Malcolm (2010), a fenomenologia do combate corporal (Barreira, 2017c), como esporte de combate e arte marcial, busca entender o sentido dessas práticas e a expressividade desses termos a partir das experiências necessariamente vivenciadas por praticantes e por suas comunidades. Esses trabalhos têm conduzido ao desenvolvimento de uma Teoria do Combate Corporal (Barreira, 2019a, 2019b).

Segundo Martíková e Parry (2015), às Artes Marciais são atividades educativas que tem como finalidade o aperfeiçoamento na luta através da aquisição de técnicas marciais tradicionais, enfatizando-se que o autodesenvolvimento é muito importante para a prática, como formação de caráter, virtudes e moral.

Na maioria das vezes, as Artes Marciais se associam a ideais e ensinamentos que se tornam a filosofia da modalidade ou até mesmo se aproximam de alguma religião. Assim como nas artes marciais, nos esportes de combate busca-se dar segurança e restrição a riscos por meio de regras. Contudo, nos esportes de combate a competição possuiu uma maior importância. Mesmo que possam existir preceitos morais e componentes educativos, o principal objetivo é superar seu adversário (Martínková & Parry, 2015).

Arte Marcial Vernacular

O conceito de Artes Marciais Vernaculares (AMV) foi cunhado pelo antropólogo norte americano Thomas Green. O termo vernacular advém dos estudos literários, designando originalmente uma língua que difere de um "padrão" (standart) estabelecido, a exemplo de dialetos regionais, sendo caracteristicamente nativos, falados ao invés de escritos e, portanto, não codificados. Assim, segundo Green (2012), nas Artes Marciais Vernaculares não existe um currículo estruturado pelo qual um iniciante avance progressivamente de suas habilidades básicas até as mais complexas. O mais comum é que o método de aprendizagem da luta seja por meio da observação. O ensino é realizado do lutador mais experiente para o menos experiente, o qual repassa seus conhecimentos e técnicas, geralmente transmitido pela oralidade e de forma casual.

No território brasileiro, as lutas praticadas por distintos grupos indígenas podem ser classificadas como AMV's. Um exemplo é o *Xondaro*, uma luta/dança presente nos povos *Guarani-Mbya* e *Nhandewa-Tupi* (Mendes, 2006). Outra forma de combate é o *Huka-huka*³, estilo de luta tradicional dos povos indígenas do Alto Xingu, os *Bakairi*, do estado de Mato Grosso (Valente et al., 2022; Lee & Lauwaert, 2021). Há também o *Idjassú*, um estilo de luta dos *Karajá*, no Estado de Tocantins. Além desses, existe o *Piãguá*, do povo *Maraguás*, tradicional do Amazonas.

³ Diferente das demais modalidades, o Huka-huka é uma forma de combate mais conhecida, inclusive internacionalmente, catalogada por Lee e Lauwaert (2021) entre 300 modalidades de combate existentes mundo afora.

Por último, o *Aipenkuit*, o qual é um estilo tradicional dos *Paracatejê-gavião*, do Pará, assim como dos *Tapirapé* e *Xavante* do Mato Grosso (Almeida & Suassuna, 2010). Finalmente, para além das lutas dos povos indígenas, existe também a modalidade ora tematizada, praticada originalmente por vaqueiros, a Luta Marajoara, conhecida também como “Agarrada”⁴, que atende aos critérios para, até o momento, ser considerada como uma Arte Marcial Vernacular. A LM e as demais AMV são partes de modos de vida, cujas filosofias e valores atravessam as comunidades ao longo de gerações em práticas de disputas corpo a corpo.

Processo de Institucionalização

A Luta Marajoara era uma prática inteiramente associada aos trabalhadores rurais, principalmente os vaqueiros, sem uma estrutura de ensino padronizada (Santos & Freitas, 2018). Até o fim do século XX, não existia treinamento formalizado, com professores que aplicavam sistematicamente um protocolo composto por aquecimentos, treinos analíticos de golpes, ensinamento de técnicas e correções. Se é possível considerar que houvesse algum treinamento, esse se dava na prática, isto é, treinava-se lutando; normalmente o “treinador” era a figura paterna do jovem lutador, que passava o ensinamento depois da prática, ou falando sobre suas próprias lutas. Porém, nos dias atuais, existem treinamentos passados por praticantes experientes e profissionais de educação física.

Há treinos padronizados que seguem uma lógica desenvolvida pelos técnicos: alongamento, aquecimento, prática de golpe, lutas que são interrompidas a todo momento para instruções. Então, existe uma diferença entre a Luta Marajoara do século XX para a luta do século XXI. Uma dessas diferenças é o próprio nome da modalidade, que até o fim do século passado era mais conhecida por “Agarrada” e, gradativamente, foi sendo assumida como Luta Marajoara, atualmente a nomeação predominante na literatura e institucionalmente.

⁴ O nome Luta Marajoara é recente, os mais velhos chamavam a luta de “Agarrada” principalmente, existindo variações conforme a região.

Independentemente da nomeação, o modo Vernacular de praticá-la persiste no arquipélago, sobretudo entre os vaqueiros que trabalham no campo e no fim do dia lutam como forma de diversão, competição, ou, como dizem, para se aquecerem antes de tomarem banho nas águas frias do rio. Já a prática de caráter mais esportivo está presente nas zonas povoadas da ilha, nos centros das pequenas cidades. Face a isso, esse texto adotará, daqui em diante, a convenção do termo “Agarrada” para se referir ao modo de se lutar como Arte Marcial Vernacular, deixando a “Luta Marajoara” para se referir ao modo de praticá-la enquanto Esporte de Combate.

O torneio de Luta Marajoara de Cachoeira do Arari teve início em 2002⁵. Além de ser o mais antigo, podemos assumir a tese de que o evento marca o início da institucionalização da LM. A Federação Paraense de Luta Marajoara e a Liga Brasil de Luta Marajoara têm suas fundações oficializadas recentemente, em 2020 e em 2021 respectivamente. Nessas duas décadas, a criação de regras esportivas da luta coincidiu com a realização de torneios regionais em Ponta de Pedras, Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari.

Não é possível dissociar essa institucionalização – que oficializa o caráter esportivo desta modalidade, até então estritamente vernacular – desses torneios, principalmente aquele que acontece todo ano em 20 de janeiro, em Cachoeira do Arari. Se, a exemplo de tantas Artes Marciais, as origens da Agarrada se perdem nas brumas do passado, é bastante razoável supor que a gênese de sua institucionalização da Luta Marajoara como esporte de combate e, eventualmente, Arte Marcial Moderna, tenha como marco seminal o Torneio de Cachoeira do Arari em 2002.

Isso não diminui, entretanto, a importância de outros acontecimentos e agentes no processo que trouxe a luta à visibilidade que tem hoje, como a repercussão nas festividades religiosas ou, mais recentemente, a ascensão e renome internacional de ilhéus em modalidades profissionais de combate, como o MMA (Iuri Marajó e Deiveson Figueiredo consagraram-se no UFC, onde o último foi campeão em 2020), sem desconsiderar também a inserção do ensino da luta na Base Nacional Comum Curricular ocorrido no ano de 2018.

⁵ Contando com a organização de Dr. Nelson Calandrini, Família Araújo, Pio, Preto Melo, Romão, entre outros.

Esta pesquisa tem como objetivo, no vértice de observações participantes e produções intersubjetivas de relatos de experiência no campo do Combate Corporal, compreender elementos e vivências próprios ao processo de institucionalização da Agarrada para Luta Marajoara, por meio de uma investigação empírico-fenomenológica.

Métodos

Esse trabalho adota procedimentos etnográficos e entrevistas para produzir uma compreensão ampla dos contextos culturais da Luta Marajoara, assim como da sua objetividade prática e técnica. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, valendo-se de recursos teórico-etnográficos, bem como de entrevistas semiestruturadas e em profundidade, utilizando da *escuta suspensiva* (Barreira, 2018), produzindo relatos de experiência de praticantes da Luta Marajoara e Agarrada.

Esses relatos foram gravados e posteriormente transcritos, a fim de serem analisados comparativamente. As entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com a perspectiva fenomenológica. Abordando as práticas de Combates Corporais enquanto manifestação, a perspectiva geral adotada neste trabalho é a da arqueologia fenomenológica das culturas (Barreira, 2013a; Valério & Barreira, 2015).

A pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (Nº do processo - CAAE: 57691616.0.0000.5659 - Número do Parecer: 3.100.332), por isso as identidades dos lutadores foram resguardadas. Diante disso, utilizou-se pseudônimos para os entrevistados de modo a evitar suas identificações. A pesquisa foi realizada em Cachoeira do Arari, Ponta de Pedra e Soure, mas também com entrevistados de outras cidades da Ilha, como Salvaterra e Santa Cruz do Arari. Foram entrevistados 17 praticantes de Luta Marajoara; abaixo suas idades e tempo de prática:

PSEUDÔNIMO	IDADE	ANOS DE PRÁTICA
Paulo	72 anos	67 anos
João	45 anos	40 anos
Carlos	44 anos	35 anos
José	40 anos	30 anos
Francisco	38 anos	31 anos
Antonio	36 anos	30 anos
Roberto	36 anos	30 anos
Leandro	40 anos	34 anos
Walter	40 anos	10 anos
Bruno	26 anos	17 anos
Joana	38 anos	30 anos
Flávio	65 anos	60 anos
Vinicius	69 anos	62 anos
Anderson	35 anos	30 anos
Luis	42 anos	35 anos
Jocimar	45 anos	40 anos
Marcelo	43 anos	35 anos

Tabela 1. de informações dos entrevistados

Foram realizadas entrevistas com pessoas que possuíam grande conhecimento sobre a cultura, a história e questões burocráticas, auxiliando na compreensão cultural da Luta Marajoara, todavia, estes não são mais praticantes dessa modalidade. Abaixo estão seus respectivos nomes, os quais autorizaram ser divulgados.

NOME	IDADE
Leonardo Cordeiro Absolão	43 anos
Lino Ramos	65 anos
José Pio Gama Câmara	66 anos
Dr. Nelson Calandrini	55 anos

Tabela 2. de informações dos entrevistados públicos

Procedimento

No âmbito de um projeto maior, financiado pela FAPESP⁶, a primeira ida à Ilha de Marajó foi realizada em janeiro de 2022, pelo segundo autor deste artigo. Assim foi despertado o interesse por uma tematização específica dessa luta regional. No decorrer daquele ano, foram transcritas as entrevistas realizadas. Em janeiro de 2023, foi realizada a segunda ida a campo na Ilha de Marajó, agora pelo primeiro autor. Durante a pesquisa de campo foi acompanhado a organização do torneio de Luta Marajoara de Cachoeira do Arari, no dia 20 de janeiro de 2022 e 2023, onde realizou-se a maior parte das entrevistas. Na primeira ida a campo foram realizadas entrevistas também em Soure, e na segunda ida a campo foram realizadas entrevistas em Ponta de Pedra.

A literatura referente à escuta suspensiva problematiza a entrevista no registro da experiência intersubjetivamente vivida por pesquisador e entrevistado. O ato do pesquisador consiste em “chamar” o entrevistado à sua própria experiência, acessando seu estrato corporal – aquele que imprime o caráter afetivo, desfeito a uma tematização objetiva e realizada prontamente, mais íntimo de um fluxo em que as passagens de um acontecimento se sucedem, podendo ser recuperadas em uma fala narrativa em primeira pessoa. Havendo espaço intersubjetivo para uma fala assim, a

⁶ Os órgãos financiadores desempenharam papel importante na coleta, análise, interpretação dos dados e na redação do manuscrito. A contribuição de Cristiano Roque Antunes Barreira na redação deste artigo faz parte de um estudo apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Bolsa nº 2019/11527-6. A contribuição de Leonardo Fernandes Coelho na redação deste artigo faz parte de um estudo apoiado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), processo 88887.826011/2023-00.

experiência pré-reflexiva ganha condição de vir à tona em fala.

O desafio é chegar às condições necessárias para o entrevistado conseguir dar-se conta da sua própria experiência vivida na esfera pré-reflexiva, engendrando relatos de experiência cuja produção é intersubjetiva. A partilha de experiências motoras vivenciadas na observação participante abre um canal de acesso a estas experiências, evocando ganchos que podem ser usados pelo pesquisador em sua entrevista compreensiva.

Afinal, como argumenta Barreira (2018), no momento da entrevista o pesquisador se envolve com os relatos, vivências e preenchimentos intuitivos provenientes da experiência do entrevistado. Nesse momento, realizar a *escuta suspensiva* significa liberar acessos, tanto em si como no entrevistado, no caso, o praticante da luta em questão. Através da escuta suspensiva é possível que o entrevistador acompanhe as vivências expostas do entrevistado, não somente que receba esses relatos, mas que acompanhe profundamente as situações que concebem a experiência exposta.

Forma de análise dos resultados

A pesquisa tem como objetivo a compreensão do processo de institucionalização da Agarrada para Luta Marajoara. Para tal, é necessário passar pela orientação natural, pertinente ao mundo concreto, onde a situação é percebida no todo e sem distinções rigorosas entre o que estrutura determinados fenômenos que nela ocorrem. Quando enfocamos determinados fenômenos – como o sentido da luta – é possível passar para a orientação que apreende os elementos vividos pelo lutador sem os quais a luta não existiria.

Através da descrição de aspectos situacionais da modalidade, como a compreensão objetiva do contexto ambiental, normativo e social (observados na pesquisa de campo no contexto etnográfico, pertinente ao campo do Combate Corporal), passa-se à “extração” dos elementos dessas experiências que são determinantes para a existência do fenômeno. É necessário que os conhecimentos prévios sobre a modalidade sejam deixados em segundo plano, com o intuito de deixar o sentido da luta se manifestar pelo *cruzamento intencional* de relatos e observações

etnográficas, sem interferências conceituais que já encaminhem os resultados para conclusões antecipadas.

Na entrevista e na análise, assume-se a abertura ao modo como a luta aparece na intencionalidade do praticante marajoara, executando-se, assim, um trabalho de orientação fenomenológica (Barreira e Massimi, 2008), mas que, antes, passa pela orientação natural. Em resumo, o *cruzamento intencional* de relatos produzidos sob escuta suspensiva permite apreender e compreender elementos e vivências determinantes do processo de institucionalização da Agarrada à Luta Marajoara.

Resultados e discussão

Agarrada Vernacular

Segundo Green (2012), nas AMV não existe um currículo estruturado pelo qual um iniciante avance progressivamente de suas habilidades básicas até as mais complexas. Através dos relatos de lutadores é possível designar a Agarrada como Vernacular, uma vez que, ao menos no modo mais disseminado e antigo de se praticar, não existe um roteiro de treino estipulado, mas sim um aprendizado que se dá na prática de combate, assim como pela observação e transmissão informal de conhecimentos:

E aí tem um momento que passa a ter treinamento propriamente dito. O treinamento é lutar. Então, chega um momento específico... é qualquer hora, mais propriamente à tardinha, antes do banho. Mas aí é a prática, a luta, né? Não tem momento que ensinam 'ah, é assim que se faz esse golpe!'. Na fazenda não, na fazenda esse cara já aprende naturalmente. Tu vai lutando. Continua sendo assim a prática. [...] Então, se reúne mais de cem homens, né? Aí um diz lá assim: 'pô, vim de lá não era nem eu pra vim, era meu companheiro, mas eu pedi pra vim só pra lutar contigo, o senhor que sabe'. Já vão tirando sandália, tiram a camisa e já vão se engatando logo. Quem tá na plateia já tá aprendendo também." (José)

Como nos conta outro lutador, a Agarrada era ensinada pelo seu pai, pela prática e pelos conselhos colhidos dos mais experientes:

“nosso ensinamento não era tipo: ‘você vem aqui e faz assim’. Não! Colocava os dois para lutar, ele observava e depois dizia: ‘sabe por que você perdeu? Porque você não fez isso, começa a fazer isso’. Então ele deixava dar seguimento àquela brincadeira. Você não podia intervir, porque era uma brincadeira de amigos. Depois ele corrigia e a gente começava a decorar aquilo que ele falava e a gente aplicava no outro dia. Então já era um ensinamento natural dele.” (João)

Como aponta Green (2012), às AMVs possuem uma função muito mais prática, carregando um peso cultural forte, próximas da necessidade de sua utilização funcional. Um dos praticantes cita como na vida de seu pai a luta era necessária na rotina de vaqueiro, a qual ele define como uma cultura mais bruta:

“O meu pai foi criado por fazendeiros, ele já começou desde cedo a trabalhar[...] tirava leite, rachava lenha, então a cultura dele já foi mais bruta que a minha [...] e ele já teve que aprender a lutar mesmo, lutando mesmo, era uma vida que exigia que lutasse.” (João)

Diante dos relatos é possível perceber que a modalidade foi aprendida de forma vernacular pelos lutadores, porém, ela passa atualmente por um processo de esportivização. Vale ressaltar que todos os entrevistados possuíam mais de 35 anos – exceto um, com 26 anos –, ou seja, esses lutadores aprenderam a modalidade quando criança no século XX, em um momento em que a Agarrada ainda não possuía caráter esportivizado. João relata: “levar para a arena e treinar, e treinar muito, para que se chegue dentro de um evento, ele esteja preparado para essa competição. Então, mudou do rústico para o novo”.

Luta Marajoara e sua institucionalização

“João” cita a diferença entre a Agarrada e a Luta Marajoara, durante seu atual processo de modernização:

“A parte da mudança é isso, levar para a arena e treinar, e treinar muito, para que se chegue dentro de um evento, ele esteja preparado para essa competição. Então, mudou do rústico para o novo. Essa questão de regras que os jovens têm que acompanhar: hoje em dia existem regras, todo

treinamento, toda luta, já se passa as regras, golpes diferentes que acabaram colocando dentro da luta, então o treinamento é completo” (João)

Até o fim do século XX, não existia treinamento formalizado, com professores realizando aquecimento, treinos analíticos de golpes, passando golpes e parando a aula para explicações. O treinamento era na prática, se treinava lutando, normalmente o “treinador” era o pai, que passava o ensinamento depois da luta, ou falando sobre suas próprias lutas. Como quando José (30 anos) diz: “Já vão tirando sandália, tiram a camisa e já vão se engatando logo. Quem tá na plateia já tá aprendendo também.”. Porém, nos dias atuais, existem treinamentos por praticantes experientes e profissionais de educação física.

Hoje existem treinos padronizados que seguem uma lógica desenvolvida pelos técnicos, alongamento, aquecimento, prática de golpe, lutas que são interrompidas a todo momento para instruções. Então existe uma diferença entre a Luta Marajoara do século XX, para a luta do século XXI. Uma dessas diferenças é o próprio nome da modalidade, que até o fim do século passado era mais conhecida por “Agarrada” e, gradativamente, foi sendo assumida como Luta Marajoara, atualmente a nomeação predominante na literatura e institucionalmente. Independentemente da nomeação, o modo Vernacular de praticá-la persiste no arquipélago, sobretudo entre os vaqueiros que trabalham no campo.

Já a prática de caráter mais esportivo está presente nas zonas povoadas da ilha, nos centros de suas pequenas cidades. Face a isso, esse texto adotará, daqui em diante, a convenção do termo “Agarrada” para se referir ao modo de se lutar como Arte Marcial Vernacular, deixando a “Luta Marajoara” para se referir ao modo de praticá-la enquanto Esporte de Combate. Deve-se alertar, contudo, que a convenção aqui adotada não designa o uso necessário das expressões entre os ilhéus, mesmo que ela se baseie em certa predominância local. Esse tipo de prática Vernacular ainda existe entre os vaqueiros que trabalham no campo, e no fim do dia lutam como forma de diversão, competição, ou para se aquecerem antes de tomarem banho nas águas geladas do rio.

Existe hoje o debate sobre mudanças de características da Agarrada, a transformando em outra modalidade. Presenciei discussões a respeito nas

ruas de Cachoeira do Arari. César, liderança da Luta Marajoara que me recebeu em minha ida a Cachoeira, era responsável pelo torneio que iria acontecer no dia 20 de janeiro, durante as festividades de São Sebastião. Acompanhando-o pela cidade, tive a oportunidade de testemunhar o assunto ser objeto de conversações entre os moradores.

Não apenas uma vez, César foi indagado sobre porque haveria tempo cronometrado nas lutas se na “Agarrada de verdade” nunca existiu limite de tempo, a luta só acabaria com as costas no chão. Ele foi questionado sobre porque podia tal golpe e porque não podia aquele golpe, ou sobre o porquê de a regra excluir pegadas típicas de outras cidades. Mesmo que existam Federações e Ligas, as normas que vem institucionalizando as lutas ainda são muito questionadas, principalmente por aqueles que expressam um enraizamento em costumes que são ameaçados pelas regras. Nesse sentido um dos entrevistados diz:

“Foi tombado a festa de São Sebastião como patrimônio imaterial. Quando tomba a festa tudo que tá envolvido não pode ser mexido, os cara tão querendo mexer, botar outros traços dentro da luta. Não a luta marajoara é tombar e encostar a costa no chão, pé casado, nem mais nada. Então isso aí eu vou entrar com recurso, com base na lei. [...] Que a federação traga qualquer luta, não tem problema, mas que não venha mexer nas coisas originais, porque se perde culturalmente, o valor cultural vai embora [...] Não sou contra a Federação, mas que ela faça luta não usando o nome da luta agarrada nem Marajoara e sim uma luta lá com outro nome. Porque estão se apropriando da agarrada em luta marajoara.” (Carlos).

Esse processo de institucionalização é complexo, existem pessoas que defendem a permanência da Agarrada sem alterações, mas do outro lado, existe quem defenda que a luta necessita se adaptar aos novos tempos. Uma justificativa para isso é a percepção de que a prática estava cada vez mais perdendo adeptos. É o que nos relata Marcos, para quem, no início dos anos 2000: “Quando eu era moleque eu me lembro que tinha mais luta, o pessoal lutava mais.

Parece que tá acabando isso aí. Não vejo aquele pessoal”.⁷ Flávio, na contramão dos praticantes mais antigos da Agarrada, fala sobre o processo de esportivização da luta: “Tudo vai evoluindo, isso aí a gente não pode discordar não, porque tudo vai evoluindo, é normal as coisas mudarem. Tem pessoas que já vão lutar pra fora...” (Flávio, 63 anos). Ao mesmo tempo existe quem defenda que a Luta não deva ser alterada. Como o que é dito por Lucas “Foi tombado a festa de São Sebastião como patrimônio imaterial. Quando tomba a festa tudo que tá envolvido não pode ser mexido.” Pois segundo o entrevistado, isso acarretaria em uma perda cultural na modalidade.

Antônio conta que, em sua juventude, os desafios de Luta Marajoara eram mais frequentes: “Hoje em dia não se vivencia luta marajoara mais, é só nos torneios. E não tem aquele desafio mais na rua, é muito difícil, né?” Ocorre aqui uma faceta importante do tensionamento que vem ocorrendo na transição da luta vernacular para a institucionalizada, com certa recusa ao jeito de vivê-la ou certa rejeição ao que está ameaçado de desaparecer: “E quando tem um desafio na rua sempre tu vai me ver lá, tu vai ver um dos meus irmãos: a gente vai lutar mesmo!”

Os praticantes antigos dizem “A agarrada não se treina, agarrada se luta”. A modalidade aparece como algo que está no sangue dos moradores da Ilha de Marajó. Após desavenças ocasionadas pelas normas em um torneio, diz Antônio que não se contém de participar novamente, mesmo tendo advertido que pararia: “Disse que não, que eu não ia lutar mais lá, mas como eu gosto, eu sempre vou. Não tem jeito, tá no sangue.”. Para os ilhéus, a luta é parte da identidade dessa região, falando mais alto do que contrariedades e escolhas entre lutar ou não. Essa compreensão da luta como algo característico de quem nasce na ilha se faz presente em quase todas as entrevistas. O “Francisco” utiliza o termo “dom” para definir essa coisa que está no sangue: “Já tá no sangue a luta marajoara, é que a gente já nasce com aquele dom, não é preciso treinar.”.

⁷Foi através dessa percepção que surgiu a iniciativa de criar o primeiro torneio de Luta Marajoara, na cidade de Cachoeira do Arari.

Luta Marajoara versus Agarrada

Como já exposto, os praticantes antigos dizem “A agarrada não se treina, agarrada se luta”. Nessa direção, Francisco (38 anos) diz: “Já tá no sangue a luta marajoara, é que a gente já nasce com aquele dom, não é preciso treinar.”, ou ainda no mesmo sentido Antônio (36 anos) diz: “Mas eu nunca treinei assim Luta Marajoara. Já está no sangue!”.

Existe uma rejeição por parte dos praticantes mais antigos em relação a essa nova forma de lutar, com treinamentos e regras que antes não existiam. Estes não consideram essas mudanças como algo da luta, negando-se a aceitar as novas regras. Alguns golpes – a “enfincada” e a “recolhida” – eram com quedas que derrubavam o adversário de cabeça no chão, o que passou a ser proibido em todos os campeonatos, com a justificativa de segurança dos atletas. A preocupação da utilização desses golpes na luta surge diante de relatos de lesões ou até mesmo de mortes decorrentes deles:

“Uma cena triste que aconteceu, que foi uma morte de um rapaz, [...] Eles estavam bebendo e de repente pediram para lutar. No momento que casaram para lutar, o rapaz carregou ele e soltou ele, e o rapaz deu com a cabeça no cimento e veio a falecer. [...] Por muito tempo ficou marcado isso na luta, para as pessoas terem cuidado ao jogar, para não ter esse tipo de lesões.” João

A despeito de um trágico desfecho como esse, existem aqueles que defendem a existência desses golpes. Um dos entrevistados questiona a proibição da recolhida: “É isso a recolhida que chamavam. Esse é um que foi proibido, né? Mas..., mas por quê? Porque não tem, não tem motivo nenhum, né? A recolhida, é questão de leveza” (Pedro). O golpe “boi laranjeira” ou “boi-vaca”, é um exemplo, o qual foi retirado de alguns campeonatos, mas não de todos (o torneio de 2023 de Cachoeira do Arari permitiu o golpe):

“Golpe que humilhava o oponente, pois quem o recebia era considerado ‘mole’, ‘fraco’ e ‘pouco esperto’ [...] Com o processo de esportivização e a preocupação de controle sobre a segurança das práticas, o golpe foi retirado e poucos o utilizam atualmente.” (Nunes et al., 2023, p. 07)

Conforme Antunes et al. (2021), no I Fórum Paraense de Luta Marajoara um dos temas trazidos pelos pesquisadores e praticantes foi a tradição. Diferentes temas foram trabalhados pelos autores, como: história e gênese da modalidade, preservação da cultura, nomenclatura, religião, técnicas e outros. Existe uma grande preocupação com a institucionalização da luta e a mudança dessas tradições.

Pode-se supor a existência de uma inclinação de ler o contexto – a exemplo do que estaria implícito na preocupação de Green (2020) – com base na divisão entre uma autenticidade tradicional, refletindo uma cultura original (estática?) e a modernidade, esta última ameaçando, por meio da institucionalização (ou globalização, no termo empregado por Green), de distorcer a tradição, numa transformação que a extinga, impedindo sua preservação. Ainda que não tentemos retomar o longo e sinuoso debate acerca da “aculturação” de mão única implícita nessa dualidade, vale citar a posição nele assumida pelo antropólogo Marshal Sahlins, para quem: “Justamente por participarem de um processo global de aculturação, os povos “locais” continuam a se distinguir entre si pelos modos específicos como o fazem” (Sahlins, 1997, p. 57).

Entre os praticantes mais velhos, é perceptível um descontentamento em relação às mudanças que a modalidade vem sofrendo nesse processo de esportivização. Pedro conta sobre aspectos da Luta Marajoara moderna e a compara com a Agarrada tradicional, numa comparação em que se enfatiza o que é realmente a Agarrada tradicional. Ainda observa que existem alguns poucos que lutam dessa forma, trabalhadores do campo, que não foram influenciados pela esportivização. No mesmo trecho, Pedro comenta sobre o fato de terem mudado por completo a cultura da luta:

“Era tão rápido que tinha um rapaz que tombava o outro, né? Muito rápido. Mas hoje não tem nada disso. Agora já ficou diferente. Ainda tem dois ou três rapazes que lutam, que são de fazenda, que estão acostumados na luta, realmente a luta marajoara verdadeira. ‘Deixa eu pegar, sou esperto, só te defende daqui, dali, pula pro lado, pô’. Mas hoje o cara fica querendo segurar no braço... Não, não tinha nada disso. Agora eles já inventaram essas coisa aí, nós somos pessoas antigas, de fazenda, aqueles acostumados a lutar. Estava falando com um colega e olhando a luta, disse: “Rapaz

“mudaram totalmente a nossa cultura. Quem ensina a garotada hoje, acho que nunca lutou na vida dele.”

Considerações finais

Conhecer essas AMV's não serve ao propósito de institucionalizá-las e modernizá-las, o que, de um ponto de vista antropológico, seria ameaçá-las de expropriação por um inadvertido projeto civilizacional⁸. No horizonte epistemológico aqui adotado, assume-se a necessidade de um estudo sobre alteridade (no registro de uma psicologia da cultura), manifesta em uma prática corporal no que se refere a seus correlatos de sentido e atitude (psicologia do esporte), valendo-se de uma perspectiva de análise que procura remontar as experiências vivenciais e fenômenos que estruturam a prática em seu contexto (arqueologia fenomenológica). Pertinente à área da Educação Física, essa característica não restrita a um domínio fechado de conhecimento disciplinar é um aspecto metodológico que os autores do relatório do ICM (International Centre of Martial Arts)⁹ acusam de faltar para a consolidação de conhecimentos nas artes marciais: “A carência de estudos interdisciplinares emaranhados com as complexidades em determinar a identidade das artes marciais tem contribuído para a incompletude das pesquisas existentes neste campo.” (Lee & Lauwaert, 2021, p.12, nossa tradução). Através do delineamento da identificação geral do objeto a partir dos relatos e ida a campo, é possível observar aspectos importantes para a compreensão da modalidade. Entre eles, sem dúvida, se destaca a possibilidade de acompanhar a transição desta luta de vernacular para institucionalizada que, associada às experiências dos praticantes mais antigos e dos atuais, ilustram diferenças fundamentais entre gerações.

A compreensão dos fenômenos presentes na Luta Marajoara vem jogando luzes às tensões do processo de institucionalização da modalidade. Assim, enquanto no modo esportivizado de se praticar Luta Marajoara

⁸ Isso não contraria a relevância pedagógica de uma sistematização que permita o seu ensino nas escolas, como previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apenas sinaliza que não é esse o propósito ora assumido.

⁹ICM-UNESCO, International Centre of Martial Arts for Youth Development and Engagement. Tem como objetivo contribuir para o bem-estar e a coesão da humanidade através das artes marciais.

podem ser evidenciados os meios usados para uma atuação interventiva e educativa na luta, o que é do interesse aplicado tanto em Educação Física como em Psicologia do Esporte; em relação à Agarrada tradicional, as compreensões do presente estudo são de interesse antropológico e de registro dos processos sociais pelos quais a luta passa hoje. A principal limitação deste estudo é ter contado com apenas uma praticante mulher, o que é compatível, embora indesejável (Channon, 2013; Telles, 2020), com a participação inferior delas na modalidade.

Referências

- ALBERTO, D, P, S. OLIVEIRA, K, C, D. É Folia Da Ilha, É Folia Do Santo 1: *Turismo Cultural E A Festividade Do Glorioso São Sebastião De Cachoeira Do Arari - Ilha Do Marajó/ Pará. Cultur – Revista De Cultura E Turismo*. N. 02, 2009.
- ALMEIDA, A. SUASSUNA, D. *Uma análise dos jogos dos povos indígenas*. Artigos Originais. , Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 53-71. 2010.
- ANTUNES, M, M. CAMPOS, I, S, L. COSWING, V, S. PINHEIRO, C, J, B. Fórum De Luta Marajoara: A Carta De Belém. Conexões, Campinas: Sp, V. 19, E021042., 2021.
- BARREIRA, C. R. A. L´essence du combat: une approche phénoménologique des arts martiaux et sports de combat dans sa dimension éthique. In: Frédéric Heuser; André Touboul; André Terrisse. (Org.). *Ethique, Sport de Combat & Arts Martiaux*. 1ed.Toulouse: Presses de l´Université de Toulouse 1 Capitole, 2013, v. , p. 277-292., 2013a.

BARREIRA, C. R. A. The essences of martial arts and corporal fighting: A classical phenomenological analysis (IF 1.5). *Archives of Budo*, v. 13, p. 351-376., 2017.

BARREIRA, C. R. A. Escuta suspensiva. In: V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, Foz do Iguaçu. Anais do V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: *Pesquisa Qualitativa na Educação e na Ciência em Debate*. Foz do Iguaçu: UNIOESTE. v. 1. p. 1-12, 2018.

BARREIRA, C. R. A. Bushido, budô e a origem das artes marciais modernas: por uma teoria do combate corporal. In: Sérgio Luiz Carlos dos Santos. (Org.). *Bushido e Artes Marciais: contribuições para a Educação contemporânea*. (pp. 195-214). Curitiba: Editora CRV, 2019a

BARREIRA, C.R.A. From phenomenology to a theory of corporal combat and martial arts. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 14(2s), 64-67. 2019B doi:<http://dx.doi.org/10.18002/rama.v14i2s.6002>

BARREIRA, C.R.A e MASSIMI, M. O combate subtrativo: a espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal no Karate-Do. *Psicologia-Reflexão e Crítica*, v. 21, p. 283-292., 2008.

BRASIL. Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional - Iphan. *Dossiê Do Levantamento Preliminar Das Manifestações Culturais Da Ilha Do Marajó* - Inrc Marajó. Belém: Iphan, 2007..

COELHO, L, F; BARREIRA, C, R, A. Transições combativas entre luta, briga e brincadeira: fronteiras fenomenológicas na Luta Greco-romana. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, Brasília, v.10, n° 2, setembro 2020.

FIGUEIREDO, A. The object of study in martial arts and combat sports research – Contributions to a complex whole. In: Cynarski, W. (Org). *Martial Arts and Combat Sports – Humanistic Outlook*. Rzeszów: Wydawnictwo Uniwersytetu Rzeszowskiego, pp. 20-34., 2009.

GREEN, T. A. Sick hands and sweet moves: aesthetic dimensions of a vernacular martial art. *Journal of American Folklore*, 125(497), 286-303., 2012.

GREEN, T. A. Vernacular Martial Arts: Culture, Continuity, and Combat. In: Park, S. & Ryu, S. *Traditional Martial Arts As Intangible Cultural Heritage*. Ghungju-si: ICHCAP, ICM, pp. 230-240., 2020.

GOMES, F. J. C. Psicologia Da Luta Marajoara: Aproximações A Partir Do Primeiro Campeonato Estadual. *Anais...Conbipe*. Xi Congresso Internacional DE Psicologia do Esportee Exercício. Rio De Janeiro., 2022.

LEE, K.; LAUWAERT, N. World Martial Arts: Towards a global overview. *International Centre of Martial Arts for Youth Development and Engagement under the auspices of UNESCO* (ICM): Chungju, 2021.

MARTÍNKOVÁ I., & PARRY, J. Martial categories: clarification and classification. *Journal of Philosophy of Sport*, 43(1): 1-20. Doi:10.1080/00948705.2015.1038829, 2015.

MENDES. M, S, R. Xondaro – uma etnografia do mito e da dança guarani como linguagens étnicas. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). *Mana*, 3(1), 41-73 <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000100002>, 1997.

SÁNCHEZ, García, R. & MALCOM, D. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International Review of Sociology of Sport*, 45(39), 39-58., 2010. Doi: 10.1177/1012690209352392

SANTOS, C, A, F. GOMES, C, R. FREITAS, R, G. Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará. *Rev. Motrivivência*. vol.32 no.61 Florianópolis 2020 Epub 01-Jan-2020

SANTOS, C, A; FREITAS, G, R. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. *Caderno de Educação Física e Esporte*. [v. 16 | n. 1 | p. 57-67, 2018.

SEABRA, J, P. CAMPOS, Í, S, L. ANTUNES, M, M. Luta Marajoara: Uma Perspectiva a partir da percepção do atleta. *Revista Valore*, Volta Redonda, 5, e-5024., 2020.

TELLES, T. Fighting and leaving no one behind: promoting engagement in combat practices through phenomenology. *Journal of Martial Arts Research*, 3(3), 1-11., 2020. Doi : 10.15495/ojs_25678221_33_127

VALENTE, F.L.A; GOVEIA, J.C; PINTO, G.M.C. & VARGAS, L.M. Estudo sobre Huka-huka: uma luta de matriz indígena brasileira. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 20, e-28608., 2022.

VALÉRIO, P.H.M.; BARREIRA, C. R. A.. 'Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: Rumo à gênese das manifestações culturais.'. *Psicologia USP (Impresso)*, v. 26, p. 430-440, 2015.

Leonardo Fernandes Coelho

Técnico em Administração pelo IFRS. Possui experiência como Pesquisador Junior do CNPq na área de Ciências Humanas, com ênfase em História da Educação entre os anos de 2013-2015. Possui graduação em Educação Física - Ênfase em Esporte pela Universidade de São Paulo (2022) e Mestrado pela Universidade de São Paulo, atuando principalmente nos seguintes temas: Luta Greco-romana, Psicologia do Esporte, Fenomenologia, Luta Marajoara, Esporte de Combate, Artes Marciais e Artes Marciais Vernaculares.

E-mail: leonardof.coelho@usp.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4108596764429915>

Cristiano Roque Antunes Barreira

Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP (2004) com estágio pela Università Lateranense (Roma) e Université de la Sorbonne (Paris). Bacharel e Licenciado em Psicologia (1999) e formação de psicólogo (2000) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. Atualmente é professor da Universidade de São Paulo, na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP-USP) e nos Programas de Pós-graduação em Psicologia (FFCLRP-USP) e Educação Física (EEFERP-USP). Foi Professor Visitante na Universidade de Bordeaux em 2019 (Programa ERASMUS) e Pesquisador Visitante na Universidade Paris-Cité (2022). Foi Diretor da EEFERP/USP (08/2017 à 08/2021). Coordenador do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da EEFERP-USP (08/2022 a 07/2023). Presidiu a ABRAPESP - Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (11/2017-11/2019).

E-mail: crisroba@usp.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0950284422406923>

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.